

# Brasil, decifra-me ou te devoro antes de acordar

*Com mínimo de consistência do governo e estabilidade política, o mercado tem condições de se expandir, gerar mais empregos e mais consumo, num longo ciclo produtivo*

ÁLVARO A. C. DE SOUZA

Tendo tido o privilégio de viver a maior parte de minha vida no Brasil, a recente experiência de residir no Exterior tornou-me, por assim dizer, um constante intérprete dos fatos e versões do que se passa neste País, por solitação de investidores, empresários, banqueiros... motoristas de táxis, garçons, porteiros, etc. Que fantástico e curioso País é esse seu onde as maiores contradições parecem viver lado a lado no cotidiano? A quantidade, o tom e a forma de perguntas como essa me permitem visualizar uma percepção da imagem que o Brasil tem no Exterior e que certamente tem se alterado bastante nos últimos tempos.

Em primeiro lugar, nós somos todos nice people/gente boa mas talvez esse cordial comportamento não nos ajude a tomar as decisões, às vezes duras, que a história de um povo certamente requer — é mais confortável não termos lideranças pois assim não teremos que segui-las. E com isso, não há a necessária catalise que transforme o nosso incontestável imenso potencial em realizações políticas e econômicas que melhorem as condições de vida de nosso igualmente incontestável sofrido povo. Essa imagem é particularmente ligada à qualidade de nossas elites que, como em qualquer outra nação, têm a obrigação cívica de, por terem educação e recursos, conduzir um processo que resulte em melhora do País como um todo e não apenas do seu círculo de amizades e influências.

Surpreendentemente, essa ausência de lideranças (tão bem simbolizada na coletiva sensação de perda pelo desaparecimento de Ayrton Senna) gera uma percepção de que, se não há exemplos a seguir, com certeza as instituições nacionais são bem mais fortes do que aparentam. De que outra maneira seria possível aprovar-se no Congresso, o impeachment do primeiro presidente eleito pelo voto direto em quase 30 anos sem a ameaça de um golpe à direita ou à esquerda? Mais tarde, vem-se a saber que uma parte dos que tão patrioticamente conduziram esse processo, padecia dos mesmos males do acusado! E de novo, nada de golpes. Ainda no tópico relativo à solidez das instituições, causou imagem muito positiva a aprovação do recente acordo da dívida externa pelo Senado, não só ratificando sua legitimidade como também pelo fato de representar a conscientização daquela instituição para a importância de um assunto como esse.

Ainda como parte das imagens contraditórias, como conseguimos ter crescimento econômico com a cavalari inflação de índices que o Brasil exibiu no ano passado? Se países vizinhos, com mais dificuldades estruturais que as nossas, conseguiram debelar a febre inflacionária, somente nós conseguimos inventar e levar ao extremo da perfeição, não a cura para o mal, mas sim uma fórmula segura de conviver com ele por décadas, focando toda nossa conhecida criatividade no exercício da indexação. Enquanto isso, o mundo civilizado movia-se a passos acelerados em profundas mudanças, tanto políticas quanto econômicas e sociais. Como envergonhadamente tive de concordar com um amigo europeu, aqui

ainda se fazem passeatas de esquerda com portentosas e obsoletas bandeiras com foices e martelo.

Agora que alguns vizinhos sul-americanos começam a padecer da recaída dos mesmos problemas do passado, noto que começa a se formar uma nova imagem a respeito do País. Será que o progresso brasileiro embora muito mais lento do que o dos demais, é mais consistente? A morosa abertura desta grande economia não terá sido proporcional à sua complexidade? Não resta a menor dúvida aos olhos dos que nos vêm pelo lado de fora que notáveis melhoras ocorreram nos últimos anos e uma das mais expressivas está na crescente competitividade do setor privado que ainda que inicialmente tenha se fortalecido às custas do setor público, soube adaptar-se às novas condições de mercado. Parece fazer sentido agora que antes de se discutir porcentuais de déficit público, se discuta o papel do Estado na vida dos cidadãos através de uma revisão constitucional.

Na complexidade do mundo dos capitais, as maiores reservas de riqueza estão no tamanho e juventude do mercado potencial de consumidores. Países que exibem taxas de natalidade negativas e que têm um invejável crescimento de expectativa de vida para seus cidadãos, tendem a se tornar geradores de capitais enquanto que as nações com grande crescimento projetado de consumo tendem a absorver essas

poupanças nos investimentos em infra-estrutura, produção e distribuição. As taxas de Formação de Capital Fixo nos países desenvolvidos (OECD) mostram-se negativas há vários anos enquanto as taxas de poupança vem crescendo consistentemente com o envelhecimento da popu-

## AUSÊNCIA DE LIDERANÇAS AJUDA A PERCEBER FORÇA DA SOCIEDADE

lação. Se no balanceamento entre geração de capitais e sua aplicação reside a missão dos bancos, é no decifrar do crescimento do número de consumidores em determinada geografia que reside o desafio dos grandes investidores corporativos e institucionais.

O Brasil representa, ao lado de outros enigmas como China e Índia, uma dessas grandes reservas de consumidores. Ao contrário de alguns outros, muitas das condições básicas estruturais (sistema jurídico, sistema financeiro, capacidade empresarial etc.) já aqui se encontram instaladas. Com um mínimo de consistência de governo e estabilidade política e econômica, este é um mercado que muito rapidamente se expandiria gerando mais empregos, mais salários, mais consumo e de novo, mais empregos, mais salários e mais consumo. E, aí precisamente, está a causa de tanta curiosidade acerca de nossas contradições — quando será a véspera desse passo? Uma avaliação errada desse momento poderá, a exemplo do passado, resultar em monumentais perdas não apenas para o País mas também para os que nele resolvam acreditar, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Por outro lado, decifrar o enigma, corretamente poderá significar um valioso posicionamento estratégico para qualquer indivíduo, empresa ou instituição, seja de que nacionalidade for.

■ Álvaro de Souza, ex-presidente City Brasil, é diretor de Planejamento Mundial do Citybank-Nova York